

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos



10 anos do
Grupo Atlas das
Línguas em
Contato na
Fronteira (ALCF)

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)

Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, Joachim Steffen

Plurilinguismo e Contatos Linguísticos

**10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na
Fronteira (ALCF)**

Para citar esta publicação, utilize por favor este link:

<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:384-opus4-1188624>

Informação bibliográfica da Biblioteca Nacional Alemã:

A Biblioteca Nacional Alemã registra esta publicação na Bibliografia Nacional Alemã; dados bibliográficos detalhados estão disponíveis na Internet em dnb.dnb.de.

O volume completo é publicado pelos editores em Acesso Aberto sob a licença CC-BY-NC 4.0 e editado e disponibilizado por meio do repositório OPUS da Universidade de Augsburg. Todas as citações de textos e imagens estão protegidas por direitos autorais. Todos os direitos, incluindo reprodução, publicação, edição e tradução, estão reservados.

© 2025

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Produção e Editora: BoD – Books on Demand, Norderstedt

A publicação foi apoiada com recursos da Universidade de Augsburg.

A ilustração da capa apresenta um recorte da região abordada no livro, com base em um mapa do cartógrafo Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, datado de 1733.

ISBN: 9783769377651

Sumário

Cléo V. Altenhofen

Prefácio 1

Felício Wessling Margotti

Contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil 5

Martina Steffen

A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil):

Observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato na fronteira’ 29

Cristiane Horst, Celina Eliane Frizzo, Ana Elizabete Fornara, Marcelo Jacó Krug

Por uma educação plurilinguística – reflexões sobre trabalho com a diversidade linguística na escola: um olhar para a BNCC 49

Edenize Ponzó Peres, Marco Antônio de Oliveira

Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo 75

Ediene Pena Ferreira, Marco Antônio de Oliveira

Diversidade linguística no oeste paraense: o perfil dos alunos indígenas da Universidade Federal do Oeste do Pará 95

Joachim Steffen, Marcelo Jacó Krug

Gramaticalização induzida por contato linguístico: o caso de algumas partículas modais nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil 111

Simone de Sousa Naedzold, Antonio Carlos Santana de Souza

Considerações sobre atlas linguísticos: a constituição linguística dos falares do/no Brasil 129

Neusa Inês Philippsen

Siclano ou sicrano: variante linguística motivada por assimilação ou preconceito linguístico? 151

Sanimar Busse

Crenças e atitudes linguísticas: o encontro de línguas e falares no oeste do Paraná..... 177

Rayani Andressa da Cruz Oliveira, Cristiane Schmidt

Desafios do ensino de variação linguística em tempos de pandemia da covid-19:
revisitando algumas sugestões pedagógicas..... 195

Sobre os autores 215

Siclano ou sicrano: variante linguística motivada por assimilação ou preconceito linguístico?

Neusa Inês Philippsen
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Introdução

Neste artigo, trago à tona uma reflexão importante e necessária aos estudos de linguagem que se importam em compreender a variação linguística a partir do seu efetivo uso em diferentes contextos sociais. Como a variação linguística é constitutiva da língua, escolhi fazer um pequeno recorte de estudo de um “problema” que se tem apresentado na língua portuguesa, em especial, ao mundo jornalístico e aos amantes da norma-padrão, esse “problema” se refere, dentre outros, à variante ‘siclano’ da palavra sicrano, em uso no Brasil por pessoas de todas as classes, idades, gêneros e distintas escolaridades.

Para o estudo, foram necessárias costuras teóricas interdisciplinares. Por se tratar de uma palavra do léxico brasileiro, dialoguei teoricamente com a Lexicologia, por pesquisar em diferentes dicionários sobre a origem e etimologia do termo, com a Lexicografia. Por mobilizar os conceitos de variação, variante, língua, sociedade, preconceito e usos linguísticos, minha conversa teórica foi com a Sociolinguística Variacionista. Foram necessários ainda diálogos com a Fonética e a Fonologia para mobilizar os conceitos de rotacismo e assimilação.

O *corpus* de análise para este recorte de pesquisa, que se filia ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística (GEPLIAS), vinculado à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), foi selecionado em três renomados suportes jornalísticos *on-line* da imprensa brasileira: do jornal “O Estadão”, do jornal “Folha de São Paulo” e do portal de notícias “UOL”, nos quais apreendi oito matérias que continham a variante ‘siclano’.

Agora, convido o leitor a seguir comigo no texto e a procurar responder, assim como eu, se esta variante tem sido mobilizada “por gentes como a gente” desde tempos remotos por assimilação ou por preconceito linguístico. Para podermos dar conta desta resposta ou não, organizei este artigo em três partes, além desta introdução e as considerações finais,

que são, respectivamente: as reflexões teóricas, as considerações metodológicas e reflexões sobre a linguagem jornalística e as tessituras analíticas.

Preparem a pipoca e “bora lá” para os encantos que as reflexões linguísticas sempre nos proporcionam.

1. Reflexões teóricas

A pesquisa para a fundamentação teórica deste artigo foi ao mesmo tempo instigante e desafiadora. Há tempos tenho observado, empiricamente, nas aulas que tenho dado e nas leituras feitas em diferentes suportes, que a quase totalidade das pessoas utiliza, eventualmente, àquele cujo nome não conhece ou a quem intencionalmente não deseja nomear, de ‘siclano’, muitas vezes acompanhado de outros dois termos sinônimos, ‘fulano’ e ‘beltrano’.

Se um dos vieses teóricos desta pesquisa se assenta na Lexicologia, pela necessidade do registro do uso, da busca do significado e do contexto de utilização de uma unidade lexical em dada comunidade linguística de falantes, tampouco se pode deixar de dialogar com representantes teóricos e propagadores dos estudos sociolinguísticos, mais especificamente os que corroboram com o pilar motriz dessa área do saber, que instituí como central costurar linguagem e sociedade, ou seja, pensar em linguagem é absolutamente indissociável de pensar na sociedade que a molda, emoldura, adorna e carinhosamente a conduz pelos caminhos da história, mostrando que a língua é viva e, em cada paragem, recebe um penduricalho novo, agregando mais e mais palavras, sentidos e mesmo novas nuanças morfossintáticas e/ou fonético-fonológicas, conduzidas pelo povo, na língua do povo, conforme suas necessidades, vontades de mudança e usos que se fazem a partir delas.

A Lexicologia, por sua vez, possui muitas intersecções, que dialogam entre distintas áreas de investigação, razão pela qual, nessa pesquisa, também aparecem matizes do terreno da Lexicografia, visto que, conforme Casares (1992), Lexicologia e Lexicografia são ciências conexas, que possuem em comum o estudo da origem, da forma e do significado das palavras.

Se há consenso entre os estudiosos do léxico que, de acordo com Barbosa (1990), Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos em face do léxico, também há convergência sobre a complementaridade dessas ciências:

[...] o lexicógrafo necessita de certos modelos teóricos que expliquem certas características de estruturação de um conjunto lexical, para que possa dar

tratamento adequado às unidades lexicais sob seu exame; o lexicólogo, por outro lado, apoiado em dados fornecidos pela lexicografia, pode construir modelos de um universo lexical capazes de permitir a descrição da natureza e das funções deste universo (TURAZZA, 1996, p. 73).

Desse modo, a Lexicografia depende da descrição e da análise lexical feitas pela Lexicologia para a composição de instrumentos lexicográficos. Esta, por seu turno, leva em conta os dados disponíveis em tais produções para formular teorias de descrição, assim como mecanismos de análise do léxico. (XAVIER, 2011).

Dentre as congruências entre os estudos lexicais cabe ressaltar, ainda, sobre a competência lexical, que se desenvolve ao longo das interações comunicativas do falante em relação aos saberes idiomático e expressivo. Para Souto (2011), a competência lexical permite ao falante compreender a significação das palavras de uma língua, seus processos morfossintáticos e semânticos de criação, assim como seu intercâmbio com outros itens léxicos, o reconhecimento de novas formas e seu uso “intencional”. Ademais:

O léxico é um instrumento do pensar, ver, codificar e decodificar o mundo. É por meio dele que o homem consegue apresentar sua história, sua visão de mundo, fazer-se entender e compreender-se em seu universo existencial. Com isto, ressalta-se que o léxico não é cópia, reprodução ou tradução fiel deste universo, mas uma visão particular da realidade extralinguística de uma dada comunidade e, até certo ponto, de cada indivíduo que compõe este grupo social. (VIOLA, 2010, p. 105)

É a Lexicologia, portanto, aporte teórico importante para a compreensão de significado e registros de uso do léxico sicrano, do qual se produziu a variante ‘siclano’.

As nuances de utilização da Lexicografia neste trabalho visam, sobretudo, buscar a conceituação e etimologia da entrada sicrano/siclano em dicionários de língua portuguesa para compreender os significados trazidos por autores conceituados em estudos lexicográficos.

Para complementar os recortes teóricos que se mobilizam nesse trabalho de pesquisa, fundamentalmente por se operar com variantes lexicais tecidas socioculturalmente, como dito, recorre-se à interface com a Sociolinguística, mais especificamente ao modelo proposto pela Sociolinguística Variacionista. Em consonância com tal pressuposto teórico, compreendo que:

O que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares. Se um falante enuncia o verbo “vamos” como [vãmus] e outro falante o enuncia como [vãmu], podemos afirmar, com base nos postulados da Sociolinguística, que essa variação na fala não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação. (CAMACHO, 2008, p.50).

Por sua vez, de acordo com Lavob (1972, p. 203), “A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas é certamente um fato comprovado” (Tradução minha), e é aí que se destaca a importância da Sociolinguística, quando assume a variação como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, bem como apresenta uma unidade de análise, por definição, variável.

Isto posto, na sequência, cabe refletir também sobre dois fenômenos linguísticos específicos e que são mobilizados como centrais para as reflexões sobre a constituição da variante ‘siclano’. São eles o rotacismo e a assimilação.

1.1 Rotacismo ou assimilação: façam as suas apostas

Na continuidade das reflexões feitas especificamente à variante ‘siclano’, derivada do termo sicrano, foco em dois fenômenos linguísticos que podem ter influenciado o surgimento desta variante. O primeiro, e o qual compreendo ser o principal influenciador, denomina-se rotacismo. Conforme Gayer e Dias (2018), trata-se da troca da consoante lateral alveolar /l/ pelo rótico /r/, como em *planta* ~ *pranta*, e também é tratado como alternância entre as líquidas. O rotacismo é considerado estigmatizado por muitos estudiosos, apesar de ser produtivo no português brasileiro.

Dentre esses estudiosos, podemos citar Bagno (2007), o qual afirma que o rotacismo, que provém do nome grego da letra R, *rhô*, é um traço descontínuo da língua que se restringe, em especial, à língua falada por pessoas que estão na base da pirâmide social e que não avança ao topo da pirâmide, ou seja, não é utilizado pelos falantes que dominam a norma culta, que são, em geral, falantes altamente escolarizados e residentes em ambientes urbanos. Exatamente por isso o rotacismo recebe grande carga de rejeição e preconceito linguístico da parte dos falantes que não fazem uso deste fenômeno. Todavia, ainda de acordo com este autor, existe desde sempre na língua portuguesa uma tendência a transformar em R os L dos encontros consonantais:

Nos textos escritos que nos chegaram da fase arcaica da língua, entre os séculos XII e XVI, aparecem inúmeros exemplos desta tendência: cremença, cramar, fragelo, concurir, fror, simpres etc. Se algumas dessas palavras recuperaram o L do encontro latino original, isso se deve ao fenômeno de relatinização¹. (BAGNO, 2007, 218).

Cabe ainda destacar, com relação à discussão sobre o surgimento do rotacismo, que seria, como aborda Bortoni-Ricardo (2011, p.75), “resultado da influência do substrato de línguas aborígenes e de pidgins transplantados da África durante os primeiros séculos de colonização”. Todavia, essa constatação foi contestada por autores mais recentes. Ainda conforme a autora,

Eles alegam que dialetólogos pioneiros, precipitadamente, estabeleceram uma relação de causa e efeito entre uma característica do substrato e um traço do português dialetal. Sua análise não dispunha de informações detalhadas sobre as línguas indígenas e os crioulos de base portuguesa, por um lado, e a filologia românica por outro. [...] De toda forma, a neutralização das líquidas foi notada em dialetos do português europeu (Vasconcelos, 1901/1970) e em crioulos africanos de base portuguesa (Teixeira, 1944; Vásquez Cuesta e Mendes da Luz, 1971). (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 75-76).

Com relação à assimilação, trata-se de um processo fonológico que, tradicionalmente, se caracteriza por um segmento que adquire propriedades do segmento que está próximo dele, ou seja, refere-se a uma situação em que dois fones/segmentos próximos um do outro na cadeia falada se tornam mais parecidos do que eram, normalmente pelo fato de um deles adquirir uma ou mais características do outro.

Conforme Stampe (1973), essa troca sistemática de um som por outro (ou um grupo de sons por outro) é motivada por diversos fatores, mas principalmente por causa de características físicas da fala. Para o autor, “Apesar de a substituição fonológica ser uma operação mental, ela é claramente motivada pelo caráter físico da fala – suas propriedades neurofisiológicas, morfológicas, mecânicas, temporais e acústicas”. (STAMPE, 1973, p.6).

¹ Relacionado ao período renascentista, que se estende do final do século XIV ao início do século XVII. Nesse período foram escritas as primeiras gramáticas normativas das línguas nacionais europeias, que se inspiraram naquela que tinha sido a grande língua de cultura da Europa durante mais de mil e quinhentos anos: o latim.

Ainda com relação ao processo de assimilação, Méa e Dalpian, nos dizem que:

O processo de assimilação em palavras da língua portuguesa, numa perspectiva diacrônica, pode ter seu início fixado na fase pré-histórica, com o latim vulgar, e, numa perspectiva sincrônica, é facilmente verificado a partir da realidade das linguagens populares, especialmente do Brasil. [...] As mudanças e variações fonéticas ou fonológicas podem ser englobadas sob o nome de metaplasmos, com o que se designam as alterações que adicionam, subtraem, trocam ou transpõem fonemas nas palavras. Tais evoluções seguem princípios linguísticos gerais como: menor esforço, economia linguística, analogia. (MÉA e DALPIAN, 2002, p.198-199).

Coaduno com as definições e reflexões teóricas propostas por Méa e Dalpian, exceto quando asseveram que a assimilação é uma realidade que acontece, em sua essência, entre as linguagens populares, visto que, se pensarmos na variante ‘siclano’, ela pode ter sua motivação entre os usuários das linguagens cultas, visto a não aceitação do rotacismo por parte dos falantes urbanos mais letrados.

Ademais, vale ressaltar que o uso do termo ‘sicrano/siclano’ geralmente se faz em uma tríade, ou seja, antes da utilização desse termo costuma-se dizer outros dois, que são, respectivamente, ‘fulano’ e ‘beltrano’. Há, todavia, controvérsia em relação à ordem em que devem ser ditos os três nomes: “fulano, sicrano e beltrano”, no entendimento do Novo “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” (1986); “fulano, beltrano e sicrano”, de acordo com o “Dicionário Houaiss da língua portuguesa” (2004). Note-se que os termos ‘fulano’ e ‘beltrano’ são ambos constituídos pela consoante lateral alveolar /l/, sendo que em ‘fulano’ ela aparece no início da segunda sílaba –la e, em ‘beltrano’, no final da primeira sílaba –bel. A partir do uso constante da tríade “fulano, sicrano e beltrano”, portanto, é também possível pressupor que o falante, com o passar do tempo, pelo processo fonológico de assimilação, tenha trocado o /r/ que constitui a segunda sílaba de sicrano –cra por /l/ –cla, produzindo a variante ‘siclano’.

Cabe aqui, uma vez mais, mencionar Méa e Dalpian (2002), por alegarem que a mudança fonética é o resultado de uma série de processos analógicos pelos quais o falante associa estruturas fonéticas e faz inovações.

E então, querido leitor, qual é a sua aposta?

2. Considerações metodológicas e reflexões sobre a linguagem jornalística

Para a coleta do *corpus* de pesquisa, selecionei dois jornais *on-line*, dois amplamente conhecidos pelos brasileiros, a “Folha de São Paulo” (<https://www.folha.uol.com.br/>) e o “Estadão” (<https://www.estadao.com.br/>), e um portal de notícias *on-line*, o “UOL” (<https://noticias.uol.com.br/>). A escolha dos dois renomados jornais se deve, em especial, porque ambos regem, de certa forma, todo o jornalismo brasileiro, sendo tomados como referências de jornalismo nacional e, inclusive, tendo os seus manuais de redação seguidos pela maioria das instituições jornalísticas de todas as regiões brasileiras, e do portal de notícias por ser de ampla difusão e propagação nacional.

Para Grillo (2003), os manuais de redação dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Estado de S. Paulo” são exemplares na medida em que expõem, ao mesmo tempo, as autorrepresentações e as instruções de regulamentação da prática jornalística. Nesse sentido, é possível afirmar que esses não são verdadeiras “ferramentas” normativas apenas para os seus funcionários, orientam ainda estudantes e profissionais do jornalismo – de áreas afins, de outros jornais e diversos veículos.

Historicamente, o jornal “O Estado de S. Paulo”, também conhecido como “Estadão”, mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação, é publicado na cidade de São Paulo desde 1875. O jornal “**O Estado de S. Paulo**” nasceu, em 1875, com o nome de “**A Província de São Paulo**”. Conforme Guilherme:

Em 1875, ainda no tempo do Brasil Império, um grupo de cafeicultores ligados ao Partido Republicano Paulista (PRP) funda na cidade de São Paulo o jornal *A Província de São Paulo*, o qual “resultava de uma aliança entre elites rurais e burguesia ascendente. Amparado em sólidos capitais, conjugou ideologia elitista das classes dirigentes com um veio de defesa do cidadão” (ELEUTÉRIO, 2015, p. 88). [...] A partir de 1885, o jornal assume posição em defesa da República e pela abolição da escravidão. Embora a “história oficial” do jornal tente consolidar a tese de que já nascera abolicionista, a pesquisa de Juremir Machado da Silva (2017) mostra que até 1884 havia anúncios de leilões de escravos e de escravos fugidos. Em 1890, no período republicano, muda o nome para *O Estado de São Paulo*. (GUILHERME, 2018, p. 204).

Em 13 de dezembro de 1968, a edição do “Estadão” foi apreendida em razão da recusa de Mesquita Filho, diretor do jornal, de não excluir da seção “Notas e Informações” o editorial “Instituições em Frangalhos”, em que denunciava o fim de qualquer aparência de

normalidade democrática no país. Em períodos diferentes, o jornal resistiu aos arbútrios de regimes ditatoriais, mas sofreu uma **feroz censura** nos anos de chumbo da **ditadura militar**, quando denunciou a violência contra a liberdade de expressão publicando **poemas do escritor português Camões no lugar das notícias proibidas**².

Ao completar 120 anos, em 1995, o jornal passou a ter também uma edição *on-line* e, atualmente, vive intensa transformação digital. Em 2021, após completar 146 anos de fundação, o jornal é reforçado por um ambiente de divulgação multiplataforma de informação, com foco no *site estado.com.br* e no aplicativo, ampliando e diversificando na *internet* a já consagrada carteira de publicações do jornal em papel³.

Já a história da “Folha”, um dos mais importantes jornais do Brasil, começa em fevereiro de 1921, com a criação do jornal “Folha da Noite” por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha. Em julho de 1925, é criado o jornal “Folha da Manhã”, edição matutina da “Folha da Noite”. A “Folha da Tarde” é fundada após 24 anos. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundem e surge o jornal “Folha de São Paulo”, em circulação diária com este nome desde então. É de 1995 a primeira edição da “Folha Web”, primeiro *site* de notícias em tempo real e embrião da “Folha Online”, tendo sido, em 2010, unificadas as redações do jornal impresso e do *on-line*⁴.

Segundo Oliveira (2020), desde 1981, a “Folha” elabora projetos editoriais para nortear o trabalho dos profissionais da empresa. O documento original passou por reestruturações ao longo do tempo, que buscaram adequá-lo conforme o contexto sociopolítico. Na primeira versão desse projeto, a “Folha” definia sua premissa como “um jornalismo crítico, apartidário e pluralista”. Entretanto, recentemente, o jornal alega que suas atividades não devem se resumir a esses três ideais, posto que, como a imparcialidade total é mera utopia, a mídia deve, também, defender suas próprias convicções. Nesse sentido, a “Folha” defende, em seu mais recente projeto editorial (datado de 2017), o pluralismo e o debate de ideias como meio de proporcionar reflexões acerca de temáticas em âmbito nacional e global. Ainda de acordo com a autora:

De fato, analisando o teor de suas publicações ao longo do tempo, percebe-se que a Folha se posicionou contrária a sucessivos governos, desde Geisel até

² Informações retiradas do sítio <https://acervo.estado.com.br/noticias/acervo.conheca-a-historia-da-fundacao-do-estado,70003569176,0.htm>. Acesso em: nov. 2021.

³ Informações retiradas do sítio <https://politica.estado.com.br/noticias/geral,estado-acelera-transformacao-digital-a-caminho-dos-150-anos,70003569776>. Acesso em: nov. 2021.

⁴ Informações retiradas do sítio https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: nov. 2021.

Temer, independentemente do viés político (“direita” ou “esquerda”). Como exemplo, destaca-se o ocorrido na época do governo Collor, quando o editor Otávio Frias Filho e outros três profissionais do jornal foram processados pelo presidente, sob acusação de irregularidades na cobrança de anunciantes. (FOLHA, 2016). Pouco tempo depois, o jornal sugeriu abertamente o impeachment do governante. Mais recentemente, em 2009, a Folha divulgou uma suposta ficha policial de Dilma Rousseff, na época pré-candidata à presidência. Após ser alvo de críticas, o jornal fez uma retratação afirmando que “não pode ser assegurada bem como não pode ser descartada” a veracidade do documento divulgado. (FOLHA, 2009). (OLIVEIRA, 2020, p. 152).

Em 1996, por iniciativa de Luiz Frias, presidente do conselho de administração do Grupo Folha, é lançado o portal de internet “UOL” (Universo Online), primeiro serviço on-line de grande porte no país. No mesmo ano, o Universo Online e o Brasil Online, do Grupo Abril, se fundem em nova empresa, o Universo Online S.A., empresa que atualmente tem participação acionária indireta e minoritária da “Folha”. O “UOL” é pioneiro na produção de conteúdo noticioso na internet brasileira. Atualmente, o Grupo UOL é a maior empresa brasileira de conteúdo, tecnologia, serviços e meios de pagamento. Sua homepage recebe mais de 114 milhões de visitantes por mês⁵.

Com relação à entrada da *internet* no mundo dos veículos de informação, Grillo (2003) afirma que esse fato tem provocado reconfigurações na imprensa contemporânea brasileira, que passa a redefinir a constituição de seus gêneros com vias a tentar assegurar a sua relevância e sobrevivência social, ou seja, a expansão do jornalismo *on-line* está causando uma redefinição na maneira de se autorrepresentar da imprensa brasileira, responsável por mudanças no decorrer da história.

Selecionados os três suportes jornalísticos de informações *on-line*, dei início então à busca, especificamente, da variante “siclano” realizando a pesquisa a partir dessa entrada pelo mecanismo de busca nos dois jornais e no portal, visto que todos os três suportes oferecem esse mecanismo na parte superior direita da página inicial. O formato desse mecanismo aparece como uma pequena lupa sobre a qual é possível clicar no “Estadão” e, em seguida, aparece a mensagem “Procure no Estadão”; na “Folha de S. Paulo” aparece, ao lado da lupa, a palavra “BUSCAR” grafada em maiúsculo e no “UOL” aparece, ao lado da lupa, as palavras, também em maiúsculo, “BUSCAR NO UOL”.

⁵ Informações retiradas do sítio <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: nov. 2021.

E lá estava ela, linda e radiante, como todas as variantes da língua portuguesa, em todos os três suportes pesquisados. Na próxima seção, trarei os resultados da pesquisa e os apontamentos analíticos referentes às hipóteses que generalizaram o seu uso, mesmo que em dissonância com as regras dos tão famigerados manuais de redação jornalística.

3. Tessituras analíticas

Conforme os procedimentos metodológicos de análise, já enunciados na seção anterior, dou início às reflexões analíticas sobre o item lexical sicrano/siclano, primeiramente, apresentando as acepções que se podem apreender, em um espaço-tempo outros, nos dicionários que selecionei para a verificação dos conceitos registrados. Assim, conforme se pode ver abaixo, o item lexical sicrano/siclano, de origem controversa, encontra-se registrado nos cinco dicionários, que retratam a língua portuguesa em distintas fases diacrônicas selecionadas: em Bluteau (1712), em Silva (1823), em Figueiredo (1913), no Aurélio (1986) e no Houaiss (2004).

Exponho, a seguir, os conceitos impressos pelos distintos lexicógrafos para esse verbete.

Quadro 1: Reflexões analíticas sobre o item lexical *sicrano*.

Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Sicrano, ou Siclano. Fulano, & Sicrano. (p.640)
Dicionario da Lingua Portuguesa Recopilado – Antonio de M. e Silva (1823)	Sicráno, s. Nome usado para designar pessoa incerta, corresponde a Fulano. (p.678)
Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Candido de Figueiredo (1913)	<i>m.</i> Designação vulgar da segunda de duas pessoas indeterminadas, dando-se à primeira o nome de <i>fulano</i> .(p.1839)
Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	<i>S. m.</i> A segunda de duas ou três pessoas mencionadas indeterminadamente, cabendo à primeira o nome de <i>fulano</i> , e à terceira, se houver, o de <i>beltrano</i> : “cartas para fulano e sicrano, convites pra reuniões” (Xavier Marques, <i>As voltas da Estrada</i> , p. 116); “o aldeão macróbio evocava antigas pessoas que conhecera. Ali morava fulano, além beltrano, mais adiante sicrano” (Manuel Ribeiro, <i>A Planície Heróica</i> , p. 133). [Conforme se vê do último

	exemplo, há quem use <i>beltrano</i> como a segunda pessoa, e <i>sicrano</i> como a terceira.]
Dicionário Houaiss da língua portuguesa – Antônio Houaiss (2004)	<i>s. m.</i> (1587 cf. Físico) indivíduo indeterminado [Tratamento vago e indeterminado, ger. atribuído àquele cujo nome não se conhece ou a quem intencionalmente não se deseja nomear.] * Uso empr. ger. depois de <i>fulano</i> e de <i>beltrano</i> . * ETIM orig. controversa; JM considera voc. de orig. obscura, levantando a hipótese de ser talvez uma form. expressiva para rimar com <i>fulano</i> ; cp. esp. <i>zutano</i> (1438 sob a f. <i>çutana</i>), voc. de orig. incerta, segundo Corominas, que, no entanto, sugere tratar-se de uma de uma interjeição <i>cit!</i> ou <i>cut!</i> , empregada como forma de chamamento e, logo, para nomear um desconhecido qualquer, cujo nome se ignora e, finalmente, adaptada à term. de <i>fulano</i> ; o esp. apresenta diversas var., entre as quais <i>cicrano</i> , <i>citrano</i> , <i>sistrano</i> , formas que, segundo o autor, asseguram a indissociabilidade entre o esp. <i>zutano</i> e o port. <i>sicrano</i> ; para informações sobre os diversos estudos e as numerosas hipóteses levantadas a respeito da orig. do esp. <i>zutano</i> e, p. ext., do port. <i>sicrano</i> , cf. Corominas, s.v. <i>zutano</i> ; cp. <i>fulano</i> .

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Este item lexical, que teria procedência obscura para o etimologista Machado (1977) e incerta para o etimologista espanhol Corominas (1980-1991), teria sido, inicialmente, uma interjeição, *cit* ou *cut*, empregada para chamamento e, conforme Corominas (1980-1991), é indissociável do vocábulo espanhol *zutano*. Cabe destacar, ainda, a hipótese levantada por Machado (1977) de *sicrano* ser talvez uma formação expressiva para rimar com *fulano*. Além disso, verifica-se que quatro dos cinco dicionários conceituam *sicrano* como pessoa indeterminada (SILVA, 1823; FIGUEIREDO, 1913; FERREIRA, 1986 e HOUAISS, 2004) e todos os cinco o associam a *fulano*, tendo, os mais recentes (FERREIRA, 1986 e HOUAISS, 2004), o associado também a *beltrano*.

Por se tratar do dicionário mais antigo, cabe observar que em seu “Vocabulario Portuguez & Latino”, Bluteau (1712) não traz nenhuma conceituação para o termo; por outro lado, é o único dicionário que traz também como entrada a variante *siclano*, deixando claro que essa variante já era utilizada no século XVIII. Silva (1823), por sua vez,

traz o termo grafado com acento agudo na segunda sílaba, *sicráno*, talvez para enfatizar a tonicidade desta sílaba.

Além das informações obtidas por meio destes lexicógrafos e etimólogos citados acima, destaco também a pesquisa de Coutinho (2005, p.170), que se apresenta na obra “Pontos de gramática histórica”. Este autor, ao especificar na obra os sufixos nominais, mais especificamente ao exemplificar os sufixos latinos, cita que “-ão e -ano < -anú. Designam qualidade, cargo, origem, naturalidade e formam substantivos e adjetivos: [...] baiano, transmontano, alagoano, franciscano”, fato este que nos mostra que a terminação do vocábulo *sicrano*, assim como a de seus ‘irmãos’ *fulano* e *beltrano*, é latina.

Outrossim, sobre isso cabe ainda mencionar os estudos de Moreno (2009), trazidos no Blog “Sua língua”:

No Português, as três formas mais usadas para essa designação incerta são nossos habituais **Fulano**, **Beltrano** e **Sicrano**. **Fulano** vem do árabe *fulân* (“tal”). Corominas nos diz que no Espanhol do séc. XIII *fulano* era ainda empregado como adjetivo (**fulano** lugar, **fulana** ilha), passando depois à função que tem hoje. Pela evolução normal do Português, **fulano** deu **fuão**, mas nossa preferência se fixou na forma primitiva, talvez por influência castelhana. **Beltrano**, nos ensina Luft, veio do nome próprio **Beltrão** (Esp. Beltrán; Fr. Bertrand), nome tornado extremamente popular na Península Ibérica pelo ciclo carolíngio das novelas de cavalaria. A terminação em **-ano** veio, certamente, por analogia com **fulano**. Para fechar a série, apareceu um **sicrano**, forma de origem misteriosa, a julgar pelos palpites totalmente inseguros dos etimologistas. É claro que, exatamente por indicar que o nome verdadeiro não é digno de ser guardado ou mencionado, todas essas denominações carregam, em grau menor ou maior, um toque depreciativo. **Morais**, em seu dicionário (1813), já apontava essa conotação, considerando o uso de **fulano** uma verdadeira descortesia. Irremediavelmente pejorativas são as variantes da linguagem coloquial **fulano-dos-anzóis**, **fulano-dos-anzóis-carapuça**, **fulano-dos-grudes**. [...] A grande quantidade de opções parece indicar a importância que nossa cultura dá ao nome (e à sua desqualificação). (grifos do autor)⁶.

⁶ A íntegra do texto se encontra disponível em: <https://sualingua.com.br/2009/04/30/fulano/>. Acesso em: nov. 2021.

Como se pode ver, o uso dessas formas não é exclusivo dos brasileiros, mas também de portugueses e hispânicos, tendo o seu uso documentado já na Península Ibérica⁷. Ademais, é interessante observar que, por vezes, os termos são utilizados de maneira pejorativa, ou seja, para desqualificar a pessoa a que se refere.

Na próxima subseção, apresentarei os apontamentos analíticos apreendidos do corpus coletado.

3.1 Resultados apreendidos no *corpus* e hipóteses de uso/autoria

Nesta subseção, dedicar-me-ei, inicialmente, a apresentar o corpus selecionado, que se constitui de oito matérias⁸ que trazem, em seu corpo enunciativo, a variante “siclano”. Três dessas encontram-se publicadas no jornal “Folha de São Paulo”, duas no jornal “O Estadão” e três no portal de notícias “UOL”. Após a localização das matérias, iniciei o fichamento de cada uma delas; o procedimento metodológico para o fichamento seguiu a seguinte sequência: data/editoria, título, recorte do fragmento do texto em que aparece a variante em análise e registro das possíveis hipóteses de autoria.

Com relação às reflexões sobre as hipóteses de autoria, cabe destacar os estudos de Sant’Anna (2004), que abordam sobre a constituição de matérias jornalísticas, e, por consequência, remetem à noção de autoria. Para esta autora, a estratégia que jornalistas, em sua maioria, utilizam para resolver a questão da autoria é a adoção do discurso relatado, sendo este o constituinte maior de um texto jornalístico de proposta informativa.

Refletir sobre tal estratégia remete à compreensão do porquê de certas escolhas lexicais, assim como de formas e marcas linguísticas autorizadas pelos jornalistas, bem como seus posicionamentos ideológicos, ainda que tentem passar a impressão de textos absolutamente imparciais e objetivos, sendo possível, inclusive, atribuir claramente o citado a alguém, quando utiliza, por exemplo, os discursos direto, indireto e segundo, observando-se também a combinação de marcas de pontuação, uso de aspas e verbos

⁷ Estima-se que os primeiros povos a habitar a Península foram os iberos, e que por cerca de 1000 a.C., ou antes, tenham chegado povos de origem celta. No ano de 218 a.C., os romanos começaram a desembarcar na Península, no período da expansão do Império Romano. Ao fim do processo de ocupação, a Península foi dividida em três províncias: Lusitânia, Hispânia Bética e Hispânia Terraconense. (RIBEIRO, 2021).

⁸ Ainda que contrariando o “Manual de Redação e Estilo” do jornal “O Estado de São Paulo” (1997, p. 174), que diz que é melhor usar, “conforme o caso, notícia, informação, reportagem, texto, artigo, comentário, editorial, crítica, crônica, etc.”, vou utilizar este jargão jornalístico como forma de generalização dos gêneros abordados.

discendi. Ademais, podem valer-se de estratégias ainda mais peculiares de utilizar o dito do outro pelo intertexto⁹, recuperando a apresentação de números, estatísticas, dados de exportações/importações, conteúdos de leis, projetos e acordos, e pelo discurso narrativizado. (PHILIPPSEN, 2007).

Em seguida, transcrevo quadros demonstrativos dos resultados obtidos acompanhados de apontamentos analíticos tanto sobre as hipóteses de autorias/origens dos usos da variante “siclano” quanto sobre o ineficaz combate à sua propagação, visto já ser disseminada, inclusive por falantes urbanos cultos e altamente escolarizados.

A ordem de apresentação dos quadros e apontamentos analíticos será a mesma feita na seção 2: primeiro abordarei os resultados apreendidos no jornal “O Estadão”; na sequência, os do jornal da “Folha” e, para concluir esta subseção, o corolário apensado do portal “UOL”:

Quadro 2: Matérias localizadas no jornal *O Estadão*

DATA/EDITORIA	TÍTULO	FONTE	FRAGMENTO	HIPÓTESES DE AUTORIA
07/03/2017 às 09h00 Economia & Negócios	Mulheres no comando	1 ¹⁰	O que o Google ainda não consegue responder são coisas do tipo: “quais as reais motivações do Fulano?” “Como ajudar o Siclano a chegar a um consenso com o resto do time?”	Google Claudia Miranda Gonçalves (atua em <i>coaching</i> , consultoria e facilitação sistêmica)
16/09/2014 às 05h/Política	Noite dos mascarados à paulista	2	Intervenções para quê? Para que um fulano – seja estudante, professor, engenheiro, gari, cobrador ou simplesmente morador de rua – entregue o canivete? Para que a siclana tire o lenço da cara? Para que um outro entregue o isqueiro? Seria	Renato Stanzola Vieira e André Pires de Andrade Kehdi (advogados)

⁹ Noção utilizada por Sant’Anna (2004, p.179).

¹⁰ Todo o Referencial, de todos os suportes jornalísticos, encontra-se nas Referências Bibliográficas deste artigo, mais especificamente em “Fontes das matérias coletadas no *corpus*”, enumeradas conforme numeração trazida nos quadros.

			a intenção da Lei inaugurar um estranho – porque aberto, descuidado e propiciador dos mais inomináveis abusos e intromissões na vida alheia – poder de requisição?	
--	--	--	--	--

Fonte: O Estadão

Conforme se pode observar, no jornal “O Estadão”, somente localizei duas matérias que trazem, em seu bojo textual, a variante “siclano”. A primeira delas é trazida no Blog intitulado “Lentes de decisão: veja o que você não vê”, que é de responsabilidade da consultora Claudia Miranda Gonçalves, e no qual se apresentam textos sobre Economia e Negócios.

Claudia assim se apresenta na página inicial do Blog:

Sou uma pessoa que busca soluções em várias ferramentas, teorias e metodologias. Sou uma transformadora que atua em coaching, consultoria e facilitação sistêmica. Ajudo pessoas e empresas a encontrarem não só as novas possibilidades, mas a sintonizar com estas a energia e atitude que ajudem a torná-las histórias de sucesso. Uma pessoa que aprende mais que ensina porque tem a disposição de ouvir, de perguntar, de ir onde está o conhecimento novo, destoante, impactante¹¹.

Neste texto intitulado “Mulheres no comando”, a consultora fala sobre a pequena quantidade de mulheres conselheiras em empresas brasileiras e sobre a importância de qualificação para que possam contribuir com empresas a partir de uma perspectiva mais consultiva. No fragmento específico do recorte, ela afirma que não basta só adquirir conhecimento, pois para isso existe o Google, mas que o Google não é capaz de criar relacionamentos, de tomar decisões, de analisar um mundo complexo sob critérios que vão muito além dos dados e índices. Sobre a questão de autoria do emprego da variante ‘siclano’, no fragmento, é importante observar que ela se encontra em um período que é trazido entre aspas, assim, conforme as regras da boa e dócil norma-padrão, há ali um discurso direto. E a quem ele está sendo atribuído? Ao ‘Google’, que se torna então, pela

¹¹ Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/lentes-de-decisao/>. Acesso em: nov. 2021.

leitura do intertexto, o ‘autor’, e a consultora, ao se ‘apagar’ da autoria, confunde o leitor com esta ideia.

Na segunda matéria, intitulada “Noite dos mascarados à paulista”, os advogados Renato Stanzola Vieira e André Pires de Andrade Kehdi falam sobre a Lei estadual nº 15.556, instituída em 29 de agosto de 2014. Essa Lei tinha o intuito de ‘garantir’, à manifestação livre de pensamento e reunião, proibir o uso de ‘máscara’ ou ‘qualquer outro paramento que pudesse ocultar o rosto da pessoa, ou que dificultasse ou impedisse a sua utilização’. No fragmento, em que aparece a variante ‘siclana’, a autoria pode ser atribuída aos advogados, ainda que, implicitamente, possa se associar o seu uso à referida Lei.

Quadro 3: Matérias localizadas no jornal *Folha de São Paulo*

DATA/EDITORIA	TÍTULO	FONTE	FRAGMENTO	HIPÓTESES DE AUTORIA
29/06/2020 às 13h53 Internacional – Es – Brasil	El régimen infló a las constructoras y fue rico en escándalos financieros	3	Geisel mismo criticaba en privado el entorno que lo rodeaba. "Solo en un país como Brasil en la situación actual podría llegar a la Presidencia", dijo, antes de asumir el cargo, según el libro "La dictadura derrotada", del periodista Elio Gaspari. "¿Cómo se llega a mi nombre? ¡Ahora, porque tal y tal es un imbécil, siclano es un idiota, un beltrano es un bastardo! ¿Es ese el camino?"	Felipe Bächtold (repórter/correspondente) Ernesto Geisel (ex-presidente do Brasil) Elio Gaspari (jornalista)
08/05/2020 às 13h38 Poder	Weintraub xinga STF em vídeo de reunião que Planalto não quer mostrar	4	“Há muito ‘jornalista’ dizendo que eu xinguei fulano, beltrano e siclano . Tenho muitas horas de entrevistas duras e inúmeros debates no	Thaís Oyama (jornalista) Abraham Weintraub (ex-ministro da Educação)

			Congresso (onde eu fui sim xingado). Desafio a apontarem um único palavrão que eu tenha proferido. Posso ser contundente, porém, sou bem educado”.	
01/08/1994 à 0h00 Opinião	Manchetes requentadas	5	Aproveito a oportunidade para lembrar que já estão mais que requentadas as manchetes 'quentes' desta Folha (do tipo 'Publicidade de fulano esquenta programação de siclano ', 'Filme X esquenta festival Y', 'Polêmica de A esquenta campanha de B', 'Novo plano esquenta debate' etc. etc.).	Folha Lorinne Vermont (leitora do jornal)

Fonte: Folha de São Paulo

Com relação à primeira matéria localizada neste jornal, denominada “El régimen infló a las constructoras y fue rico en escándalos financieros”, cabe pontuar que foi trazida na página de notícias internacionais da “Folha”, que são produzidas, geralmente, por correspondentes que estão ou se deslocam ao exterior, e mais especificamente na página que apresenta as versões em espanhol. Sobre isso, Linares (2017) ainda acrescenta que o site peruano de jornalismo investigativo “Convoca” e o jornal brasileiro “Folha de S. Paulo” coordenaram, em 2017, uma aliança de 20 jornalistas de 11 meios de comunicação, em outros nove países, para lançar a plataforma on-line “Investiga Lava Jato”, um portal com o objetivo de desenvolver e publicar reportagens aprofundadas sobre o esquema de corrupção que se expandiu para além do continente, e é sobre isso que a matéria trata.

Sobre a autoria da variante utilizada, o correspondente Felipe Bächtold a atribui, conforme as aspas trazidas na fala, ao ex-presidente Ernesto Geisel, e que, ainda, teria sido retirada da obra chamada “La dictadura derrotada”, de autoria do jornalista Elio Gaspari.

Já a jornalista Thaís Uyama mostra, no fragmento entre aspas da matéria intitulada “Weintraub xinga STF em vídeo de reunião que Planalto não quer mostrar”, que a autoria do uso é do ex-ministro da Educação do Governo Bolsonaro, **Abraham Weintraub**, inclusive cita que ele postou essa publicação na íntegra em seu Twitter. E a leitora da “Folha”, Lorinne Vermont, ao escrever o seu texto de reclamação sobre as supostas manchetes ‘quentes’ da “Folha”, usando, para isso, o título “Manchetes requentadas”, deixa implícita a autoria da variante à própria “Folha”, ainda que as aspas trazidas ao período em que emerge a variante sejam simples, e a gramática normativa propõe que aspas simples podem querer apenas enfatizar o que se escreve.

Quadro 4: Matérias localizadas no portal *UOL Notícias*

DATA/EDITORIA	TÍTULO	FONTE	FRAGMENTO	HIPÓTESES DE AUTORIA
16/06/2021 às 05h53 Colunas	Dúvida acabou: a Globo elegeu Huck. A entrevista e os votos em 2018 e 2022	6	Votei em branco e votaria de novo. Nesse momento, eu acho que a gente não está falando sobre A ou B: siclano (sic) ou beltrano.	Reinaldo de Azevedo Luciano Huck (apresentador de TV)
08/05/2020 às 15h49 Política	Sem negar xingamentos ao STF em reunião, Weintraub reage: “Sou educado”	7	“Há muito ‘jornalista’ dizendo que eu xinguei fulano, beltrano e siclano . Tenho muitas horas de entrevistas duras e inúmeros debates no Congresso (onde eu fui sim xingado). Desafio a apontarem um único palavrao que eu tenha proferido. Posso ser contundente, porém, sou bem educado”.	UOL (não assinada) Abraham Weintraub (ex-ministro da Educação)
07/06/12217 às 22h23 Cotidiano	Mulher relata terror em chacina em Belém: “Atiravam para todos os lados”	8	Com aquela quantidade de tiros era impossível alguém não ter morrido. Na rua falavam que siclano morreu, beltrano morreu. Não quis olhar os mortos.	Adriano Wilkson (jornalista e repórter) Moradora da rua Nova II

Fonte: UOL Notícias

Sobre esse portal de notícias cabe tecer algumas informações mais, além das já apresentadas. Especialmente sobre a informação que se localiza no final da primeira página e que apresenta os “Sites parceiros” do “UOL”, que são, respectivamente: A Tarde, Band, Congresso em Foco, Cultura, **Folha de S. Paulo**, History, Media Talks, NE10, Paraná Portal, Rede TV!, TN Online, Tribuna do Paraná e Mídia Max.

Ao pesquisar sobre a parceria que a “Folha” tem com o “UOL”, a informação que encontrei na “Folha” foi que “O Grupo Folha tem participação minoritária, indireta e em ações sem direito a voto no UOL¹²”.

Quando fiz a pesquisa para a localização da variante nesse portal, inicialmente, tive uma grande surpresa, visto que apareceu na tela a informação de que havia aproximadamente 93 resultados para “siclano”. Foi então que tive que me decidir sobre o recorte do corpus, e isso se deve aos ‘sites parceiros’, pois a busca localizou a variante em todos eles. Sendo assim, optei em procurar apenas no “UOL Notícias”, ou seja, nas notícias publicadas pelo próprio portal. Nessa nova busca, apareceram apenas três matérias com a variante, as que foram apresentadas no quadro 3.

A matéria 1, intitulada “Dúvida acabou: a Globo elegeu Huck. A entrevista e os votos em 2018 e 2022”, integra a coluna do renomado colunista Reinaldo de Azevedo. No texto, o colunista fala sobre a tendenciosa entrevista que aconteceu entre o apresentador televisivo Pedro Bial e o também apresentador Luciano Huck promovida pela Rede Globo de Televisão. Conforme Azevedo, a entrevista teria acontecido para promover o apresentador Luciano Huck à candidatura de presidência nas eleições de 2022. Com relação à autoria da variante, vale ressaltar que o colunista procurou deixar bem claro que não se tratava de um uso seu, mas do apresentador Huck. Essa clareza procurou ser passada pelo advérbio latino sic, que, ao ser escrito entre parênteses ou colchetes, pressupõe que o texto original, escrito ou falado, foi reproduzido conforme quem o proferiu/escreveu.

A matéria 2, intitulada “Sem negar xingamentos ao STF em reunião, Weintraub reage: “Sou educado””, se assemelha à produzida pela jornalista Thaís Uyama, na “Folha”, contudo, além de atribuir a autoria ao ex-ministro da Educação do Governo Bolsonaro, **Abraham Weintraub**, traz a fotografia da publicação postada por ele em seu Twitter.

Finalmente, a matéria 3, escrita pelo jornalista Adriano Wilkson e denominada “Mulher relata terror em chacina em Belém: “Atiravam para todos os lados”, faz a transcrição do relato sobre uma chacina testemunhada no bairro da Condor, periferia de Belém, que matou cinco pessoas e feriu outras onze. O jornalista deixa claro também que o uso da variante não foi feito por ele, mas sim pela mulher, ainda que o fragmento não esteja entre aspas, mas, antes de apresentar o relato, Wilkson convida o leitor a ler o relato da moradora da periferia.

12 Informação retirada do sítio

https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: nov. 2021.

4. Considerações finais

Meu leitor pode estar se perguntando agora, “mas, você não acha que é um número bem pequeno de ocorrências frente à quantidade de edições que já foram produzidas até hoje?”. E eu respondo, humildemente, que “sim, é, de fato, um número pequeno”, mas, se pensarmos na exigência normativa imposta a essas três instituições e de que existem profissionais revisores contratados que fazem apenas esse trabalho, mesmo o número sendo exíguo, nos mostra, pelo menos, duas coisas que incidem sobre esses resultados.

A primeira é que há olhos atentos, incansáveis, que procuram, diuturnamente, revisar tudo o que podem, numa verdadeira “paranoia ortográfica”, conforme tão bem diz Bagno (2008), no intuito de mostrarem que a língua é ‘quase homogênea’ em um país de tão grande extensão e de tanta diversidade linguística. Esse fato pode ser comprovado, também, na seção “Erramos: Proezas em língua pátria”, da “Folha”, onde aparece, além de muitos outros ‘erros’, o seguinte: “FULANO, SICRANO - A palavra ‘sicrano’ foi grafada incorretamente no editorial ‘Preto no branco’, publicado à pág. 1-2 (Opinião) de 17/6.” (22.jun.96). Saiu “siclano”¹³.

A segunda, e ainda mais importante, é que, com muito gosto, poderei dizer que “siclano” existe ao renomado gramático e colunista da “Folha”, Pasquale Cipro Neto (1999), sim, ele mesmo outra vez, e que encontraremos seu uso: eu, tu, ele, você, nós, a gente, vocês, eles, em muitos contextos, lugares, gêneros, suportes, escolaridades, idades, profissões, etnias, redes sociais...

De nada então vale dizer que:

Não se surpreenda se, ao ler Alencar, você encontrar “froco”¹⁴, tão legítima quanto “floco”: “Sua tez, alva e pura como um froco de algodão...”. Isso está em “O Guarani”. Também não se surpreenda se em Herculano você encontrar “frecha”, tão correta quanto “flecha”. Mas não saia procurando “siclano”. Você só vai achar “sicrano”¹⁵.

¹³ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/dicas_proezasemlin.htm. Acesso em: nov. 2021.

¹⁴ Então, se a língua mudou depois de Herculano, depois de Alencar e de Camões (ele esqueceu de mencionar), por que não haveria de mudar agora?

¹⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff22049911.htm>. Acesso em: nov. 2021.

Se até na “Folha”, “O Estadão” e “Uol” há variação, imagina na vida de gentes que, todos os dias, moldam a língua, brincam, cantam e, em versos novos, escrevem novas poesias que fazem brotar mais e mais variações, que saltitam alegres e sorridentes no curso da língua viva, que continuará, queiramos ou não, o seu processo natural de mudanças, ainda que tenhamos que prestar muita atenção ao combate de todo e qualquer estigma, estereótipo e preconceitos que tentam, com toda força, emudecer as melodias das línguas.

Quase com um sorriso cínico, é possível pensar, com muita força, que a variante “siclano” é, como já foi mostrado, fruto de preconceito linguístico sobre um fenômeno da língua, o rotacismo, que, por tanto se querer combater, fez provar aos puristas gramaticais de seu próprio veneno, ou seja, o que farão agora com o pobre cicrano, que, temeroso, tem perdido cada vez mais espaço para o pomposo e magnificente, aos olhos de quem julga, “siclano”. Brindemos a isso!

Referências

- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, 1990, p. 152-158.
- BLUTEAU, R. Vocabulario Portuguez e Latino. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 (1985).
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CASARES, J. Introduccion a la lexicografia moderna. 3. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- CIPRO NETO, Pasquale. Vezeiro, sicrano, supetão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 abr. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff22049911.htm>. Acesso em: nov. 2021.

- COROMINAS, Joan; PASCUAL, José A. Dicionário Crítico Etimológico Castellano e y Hispánico. 6. vol. Madrid, 1980-1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª ed. revista e ampliada. 4ª imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.
- FIGUEIREDO, Candido de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1913.
- GAYER, Juliana Escalier Ludwig; DIAS, Ludquellen Braga. O fenômeno variável do rotacismo: uma análise pela teoria da otimidade. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, p. 377-397, jul.-dez. 2018.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Manuais de redação e estilo: gêneros do discurso, linguagem e objetividade na imprensa. The ESpecialist, vol. 24, nº especial, p. 85-110, 2003.
- GUILHERME, Cássio Augusto Samogin Almeida. A imprensa como partido político-ideológico: o caso do jornal O Estado de S. Paulo. Dimensões, v. 40, jan.-jun. 2018, p. 199-223.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LABOV, William. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. The stratification of English in New York city. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LINARES, César López. Jornalistas de 11 países unem esforços em site sobre a Lava Jato. ABRAJI, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/jornalistas-de-11-paises-unem-esforcos-em-site-sobre-a-lava-jato>. Acesso em: nov. 2021.
- MACHADO, José Pedro. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 3ª ed., 5º vol. Lisboa, 1977.
- MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- MÉA, Célia Helena Pelegrini Della; DALPIAN, Laurindo. Processos Assimilatórios da Língua Portuguesa. Vidya, Santa Maria – RS, vol. 21, n. 37, p. 197-211, jan.-jun. 2002.
- MORENO, Cláudio. Fulano. 2009. Disponível em: <https://sualingua.com.br/2009/04/30/fulano/>. Acesso em: nov. 2021.

- OLIVEIRA, Verônica Mendes de. Análise comparativa de editoriais nos Jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo. Revista do GELNE, v. 22, n. 1, 2020.
- PHILIPPSEN, Neusa Inês. Mídia Impressa e Heterogeneidade: polêmicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal. Dissertação (Mestrado). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.
- RIBEIRO, Amarolina. Península Ibérica. InfoEscola, 2021. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/peninsula-iberica/>. Acesso em: nov. 2021.
- SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. O trabalho em notícias sobre o Mercosul: heterogeneidade enunciativa e noção de objetividade. São Paulo: EDUC, 2004.
- SILVA, Antonio de Moraes e. Dicionario da Lingua Portuguesa Recopilado de todos os impressos até o presente. Tomo Segundo G-Z, 3ª ed. Lisboa: Typographia M. P. de Lacerda, 1823.
- SOUTO, Anderson de. Campo lexical e neologia: criatividade linguística em favor da argumentação. In: SOLETRAS, ano XI, nº 21, jan.-jun. 2011. São Gonçalo: UERJ, 2011.
- STAMPE, David. A dissertation on natural phonology. Tese (Doutorado). Universidade de Chicago, EUA, 1973.
- TURAZZA, J. S. Léxico e criatividade. São Paulo: Plêiade, 1996.
- VIOLA, Wanderléia Silva Carvalho de. O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica: aspectos semântico-lexicais. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Lexicologia, Lexicografia e Filologia: intersecções e especificidades epistemológicas. Anais do SILEL. Volume 2, nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Fontes das matérias coletadas no *corpus*

1. <https://economia.estadao.com.br/blogs/lentes-de-decisao/mulheres-no-comando/>
2. <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/noite-dos-mascarados-a-paulista/>
3. <https://www1.folha.uol.com.br/internacional/es/brasil/2020/06/el-regimen-inflo-a-las-constructoras-y-fue-rico-en-escandalos-financieros.shtml>

4. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/weintraub-xinga-stf-em-video-de-reuniao-que-planalto-nao-quer-mostrar.shtml>
5. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/01/painel/3.html>
6. <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2021/06/16/agora-e-oficial-a-globo-elegeu-huck-a-entrevista-o-voto-de-18-e-o-de-22.htm>
7. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/08/weintraub-questiona-reportagem-sobre-xingamentos-dele-ao-stf-sou-educado.htm>
8. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/06/07/mulher-relata-terror-em-chacina-de-belem-atiravam-para-todos-os-lados.htm>